

Distorções midiáticas do movimento *Punk* em tempos de autoritarismo político

Regina Rossetti ¹
David Santoro Junior ²

Resumo: Este artigo discute as distorções midiáticas da imagem do *punk* durante o período da ditadura militar no Brasil. Trata das origens do movimento *punk* no Brasil, apresenta suas ideias e práticas políticas e analisa matérias publicadas na revista *Veja* entre os anos de 1977 a 1986. O resultado mostra uma inadequação entre o ideário político do *punk* e sua imagem divulgada pela revista *Veja*.

Palavras-chave: comunicação; jornalismo; punk.

Abstract: This paper discusses the media distortions of punk image during the period of military dictatorship in Brazil. Deals with the origins of punk movement in Brazil, presents his policy ideas and practices and analyzes articles published in *Veja* magazine between the years 1977 to 1986. The result shows a mismatch between the political punk ideology and its image released by *Veja* magazine.

Keywords: communication, journalism; punk.

Introdução

Segundo Bivar (2001), o *punk* foi influenciado por movimentos urbanos como o existencialismo do pós-guerra, a geração *beat* dos anos 50 e os *hippies* dos anos 60. Da filosofia existencialista herdou a contestação política e o pessimismo em relação ao futuro. Os *Beats* nos anos 50 tinham em comum com os *punks* o gosto por roupas escuras e a preferência pela esquerda, ambos movimentos eram formados por estudantes milistas e letrados que buscavam uma forma de viver fora dos padrões estabelecidos. Para Gallo (2010), em relação ao movimento *hippie*, embora, ambos fossem movimentos alternativos de contestação da sociedade burguesa capitalista, o *punk* não acredita que o amor supere a força. O *punk* é visceral seu discurso denunciava a podridão da

¹ Prof. Dr^a. do PPGCOM da USCS Universidade Municipal de São Caetano do Sul. E-mail: rossetti.regina@uol.com.br

² Mestre em Comunicação pela USCS Universidade Municipal de São Caetano do Sul. E-mail: davidsantoro@ig.com.br

sociedade, o lema "Faça você mesmo" significa que se você não tomar iniciativa, ninguém fará nada por ti. O movimento *punk* também possui semelhanças conceituais com o futurismo e o dadaísmo, que são o rompimento com os valores do passado para criação do novo e a adoção do caos e o imperfeito como linguagem.

O *rock* foi o meio de maior influência para o *punk*, nos anos 70, as bandas eram virtuosas, com cantores e músicos técnicos, havia um afastamento entre os músicos e o público devido ao conhecimento musical. Para O'Hara (2005), o *punk* rompia com a barreira que separava plateia dos músicos, que foi traduzido na camiseta que Jhonny Rotten usava, que dizia: Eu odeio *Pink Floyd*. O *punk-rock* era simples e a forma de cantar era agressiva como um grito ou urro, igual ao sugerido por Mario de Andrade em "Ode ao Burgues", as letras eram politizadas, tratavam do cotidiano, das dúvidas e incertezas dos jovens. Para Garnet (2002), o primeiro Álbum dos Sex Pistols, de 1977, é o grande marco da cultura, além de ser referencia para o início do movimento.

O *Punk* não morreu, é uma resposta aqueles que achavam que o movimento era apenas uma onda, o uso desta mensagem, foi a maneira de mostrar que os ideais *punks* eram verdadeiros.

Para Caiafa (1985), o *punk* se reinventou no início dos anos 80, surgiram novas bandas como a americana *Dead Kennedys* e a Escocesa *Exploited*, que impulsionaram o movimento. No Brasil as principais bandas desta fase são: Cólera, Garotos podres e Ratos de Porão, que são referências para o estilo mundial. Para Bivar (2001), no final dos anos 90 houve uma nova revigoração do *punk-rock* com o trabalho de bandas como *Green Day* e *Offspring*, no Brasil as bandas desta geração influenciadas foram: Chico Science e a Nação Zumbi e os Raimundos.

Expoentes expressivos como os *Sex Pistols* e *The Clash*, foram incorporados pela indústria musical inglesa, no Brasil, representantes como a Plebe Rude, Legião Urbana e Camisa de Vênus, foram promovidos e explorados comercialmente por grandes gravadoras. Garotos Podres, Cólera e Ratos de Porão apostaram no circuito alternativo e foram mais autênticos, no final da

década de 90, todos perderam espaço porque o discurso estava saturado devido a alta exposição nos meios midiáticos.

Origens do punk no Brasil

Mendonça (2002) relata que a crise do petróleo em 1973 afetou o setor financeiro nacional, o que ficou conhecido como “Milagre econômico”. Com isso, setores como a classe média e a burguesia ficaram descontentes com o governo, e, nas eleições para o Senado, elegeram candidatos do MDB, partido de oposição à ARENA, que representava o governo do general Ernesto Geisel. Este se viu pressionado e apresentou um plano de redemocratização, que seria lento e seguro para os militares, o qual conduziria o país à democracia.

Padrós e Gasparotto (2009), relatam que em 1979 o presidente João Batista Figueiredo apresentou ao congresso o projeto de anistia que foi aprovado por 206 votos a favor contra 201, em 28 de agosto de 1979. Os movimentos sindicalistas fortaleceram-se devido ao grande arrocho salarial e condições de trabalho precárias e organizaram paralizações importantes no Rio Grande do Sul e São Paulo na região do ABC.

A democracia era praticada em grupos como: associações de bairro, pais e mestres, sindicatos e com o ressurgimento da União dos Estudantes (UNE). Segundo Tureta e Duarte (2008), o Corinthians teve uma iniciativa que ficou conhecida como Democracia Corinthiana, que contribuiu para a discussão sobre redemocratização brasileira.

Para Padrós e Gasparotto (2009), O movimento Diretas foi uma emenda constitucional proposta pelo Deputado Dante de Oliveira, que propunha eleições diretas para presidente em 1985 e mobilizou milhares de pessoas, os comícios foram liderados por Ulisses Guimarães, Franco Montoro e Tancredo Neves e apoiado por artistas como: Toquinho e Gozaguinha. A emenda não foi aprovada, mas o clamor popular fez com que Tancredo vencesse Maluf na última eleição indireta para presidente.

Em 1985, ocorreu a primeira versão do Rock in Rio, festival que trouxe ao Brasil ícones mundiais como *Ozzy Osbourne* e *Iron Maiden*, o evento quebrou o

paradigma da indústria musical brasileira, que apostava em nomes consagrados da MPB e no pop romântico.

O final da censura possibilitou que trabalhos artísticos, antes censurados, passassem a ser exibidos nas televisões e rádios de todo o Brasil, a cultura *punk* teve seu ponto mais alto e o rock nacional liderou as execuções das rádios. Em entrevista para o Blog ABC Rock, Mao dos Garotos Podres informou que havia um sentimento de liberdade, as autoridades liberavam as manifestações para mostrar que a repressão havia passado, esta fase prosseguiu até 1989, quando Fernando Collor foi eleito presidente de forma direta. A alta exposição do movimento saturou a sociedade com informações, e como uma moda o *punk* passou e deu espaço a novas ondas, como a Lambada, o Sertanejo e o Pagode.

Para Bivar (2001), o movimento surgiu numa época de crise, desemprego e desesperança em relação ao futuro, os *punks* eram jovens trabalhadores mal remunerados e buscam melhores condições de vida e reconhecimento social

O *punk* reflete a vida como ela é, nos apartamentos desconfortáveis dos bairros pobres, e não o mundo de fantasia e alienação que é o que a maioria dos artistas criam. É verdade que o *punk* destruirá, mas não será uma destruição irracional. O que o *punk* destruir será depois reerguido com honestidade. (BIVAR, 2001, p.59).

Caiafa (1985), descreve sua experiência com um grupo *punk* do Rio de Janeiro, que frequentavam o Meier e a Cinelândia, eles usavam jaquetas de couro preto, adereços militares, alfinetes, braceletes com pregos e a suástica, eles contrastavam com os jovens que frequentavam o beira mar e com a visão poética da cidade, o relato registra a segunda fase do movimento, na qual, o *hardcore* e o Oi, eram a evolução, o lema: *Punk is not dead*, marcou esta época e foi o título do primeiro álbum dos *Exploited* e da revista editada pelo escritor Gary Bushell.

Botinada (2006), relata a história do movimento *punk* no Brasil através de depoimentos de personagens relevantes em suas localidades como: Fabio da banda Olho Seco e Redson do Cólera de São Paulo, Wander Wildner dos Replicantes do Rio Grande do Sul, Canisso dos Raimundos de Brasília e Marcelo Nova do Camisa de Vênus da Bahia.

O movimento iniciou-se devido ao descontentamento com o *status quo*, no sudeste o movimento atingiu em sua maioria jovens da periferia e do subúrbio da grande São Paulo, nos demais estados o movimento concentrou-se nas capitais de Porto Alegre, Salvador e Brasília, na qual, teve a aderência de jovens da classe média.

Há uma divergência entre São Paulo e Brasília sobre qual foi a primeira cidade a aderir ao *punk*. Canisso, dos Raimundos, e Paulo Marchetti, jornalista que publicou o livro *Diário da turma: A história do rock de Brasília*, defendem que começou no Distrito Federal, por causa do registro do primeiro álbum dos Ramones na cidade, em 1976. Ariel, da banda Restos do Nada; Clemente, dos Inocentes; e Marcelo Nova, do Camisa de Vênus, defendem que a atitude *punk* se iniciou em São Paulo. Em São Paulo, no final dos anos 1970, Kid Vinil tinha um programa na Rádio Excelsior chamado “Rock Sanduíche”, no qual ele executava bandas *punk* e *new wave*. Seu horário teve muito sucesso entre os jovens que gravavam fitas K7 com as transmissões, para depois trocá-las com seus amigos, ou então para tocar nos bailes. Em Salvador, Marcelo Nova era locutor da Rádio Aratu FM, e, assim como Kid Vinil, divulgava as novidades do *punk* que ocorriam pelo mundo afora. Para ele, Salvador era uma cidade provinciana, na qual a censura e as críticas vinham dos familiares dos proprietários das emissoras. O artista contou o caso da esposa de um dos diretores da rádio, que pediu que ele tocasse “My Way”, com Frank Sinatra, em vez da versão com Sid Vicious.

As revistas *Pop e Som Três* eram as principais fontes de informação sobre música e comportamento para os jovens no final dos anos 70, Fabio do Olho Seco possuía a *Punk-Rock Discos*, o local tornou-se um ponto de encontro para *punks*, e contribuiu para o surgimento de bandas importantes, Fabio produziu a coletânea *Grito Suburbano* de 1982, este trabalho foi uma iniciativa independente com a contribuição financeira dos envolvidos como Inocentes e Olho Seco. *Ataque Sonoro* de 1985, é o segundo registro e foi idealizado por Redson do Cólera, que ficou conhecido por seu ativismo ambiental, social e pacífico.

Havia rivalidade entre os *punks* da capital, conhecidos como os da City, que eram politizados e idealistas, com os do ABC, que diziam-se verdadeiros *punks*, porque eram mais pobres e andavam de trem, para Mao dos Garotos Podres, a destruição e luta foram mal compreendidos e o desentendimento gerou conflitos que marginalizaram negativamente o movimento, além de limitar a expansão filosófica e artística. O'Hara (2005), relata que a agressividade era a forma de expressar o descontentamento (não no sentido físico) e, embora o *punk* fosse pacífico, lutava por suas crenças, se preciso. Ariel, complementa que a destruição é uma metáfora que significa reconstruir com justiça e igualdade, Botinada (2006).

A frase do publicitário inglês David Ogilvy: “Comunicação não é o que você diz, é o que o outro entende” pode ser aplicada ao movimento *punk* em relação ao uso da suástica. O uso da suástica proposto por Jamie Reid, designer gráfico que desenvolveu trabalhos para os Sex Pistols, Dead Kennedys e Green Day, é controverso e polêmico. Por que mesmo que sua descrição altere o significado da suástica, pode não ter sido compreendida por todos. Talvez a ambiguidade dessa mensagem seja resultado da relação entre *punks* e *skinheads*, que no início dos anos 1980 era confusa para quem estava dentro e fora do meio.

Mesmo entre os *punks* não havia uma compreensão do uso da suástica: “Certo dia, estava na Biblioteca Municipal, quando um amigo de Cristina chega com o Marco, que trazia um estojo estampado com a suástica nazista, que foi deixado sobre a mesa em que ela estava. Ela começou a riscar a suástica, já ciente do que aquele símbolo significava. Depois percebeu que já estava riscada”. (TURRA NETO, 2004, p. 39).

Segundo Caiafa (1985), Wattie, vocalista do Exploited, usava um moicano vermelho e uma camiseta com a suástica, embora o primeiro registro da banda tenha sido em uma coletânea *Oi* e ela afirmasse não possuir relação política com os *skinheads*. O Exploited foi a banda que revigorou o movimento *punk* em 1982. Eles possuíam fama de fascistas devido à influência do estilo *Oi* e porque eram adorados por *punks* e *skinheads*. Em 2012, em entrevista ao programa de estúdio *Som Livre*, Wattie disse que era *skinhead* quando jovem e que sua ligação com o grupo era só por causa da música. Na Escócia, seu país, o fascismo

não existia, e *punks* e *skinheads* conviviam pacificamente. A má-fama de sua banda se dava pela ignorância das pessoas, que não sabiam distinguir que, entre a sua música e a produzida pelos fascistas, a única semelhança era a sonoridade. Wattie ainda comentou que fez um show com o *rapper* Ice T, que é negro, americano e tinha uma banda de *hardcore*, então se fosse racista, não dividiria o palco com ele, mas mesmo assim dizem que a sua foto com o músico é uma montagem.

Segundo Botinada (2006), para unificar os *punks* da capital com os da grande São Paulo, as lideranças criaram o evento: Começo do fim do mundo, que ocorreu no Sesc Pompéia em novembro de 1982, para criar um intercâmbio sobre a cultura *punk*, e também para o lançamento do livro *O Que é Punk?* De Antonio Bivar, o encontro foi amplamente divulgado pelos meios de comunicação do estado de São Paulo, do Brasil e até mesmo de veículos internacionais. O festival terminou em confusão e a polícia entrevistou, o que contribuiu para confirmar má fama do movimento, João Gordo relata que o programa Fantástico fez uma reportagem tendenciosa que ressaltou e distorceu o real sentido da agressividade dos *punks*.

O 1º festival *Punk* do Rio de Janeiro aconteceu em abril de 1983 com o título “Noites Cariocas” e contou com bandas de São Paulo. Durante esse show que foi realizado no Circo Voador e na PUC o refrão gritado em uníssono, foi “Pau no cu da Globo”. Ninguém deixou a Globo filmar. (OLIVEIRA, 2006, p.38).

A repercussão fez com que os *punks* fossem discriminados, muitos perderam seus empregos e a polícia ganhou o aval da sociedade para abordar qualquer um que aparentasse ser *punk*.

Conforme Gallo (2010), os governos autoritários foram afrontados pelos *punks*, que, como forma de subversão, usavam roupas e calçados militares, que eram restritos aos membros das Forças Armadas. A adoção da vestimenta militar dava um sentido contrário ao significado original, pois era uma maneira de se apossar de um símbolo do estado repressor. Para Bivar (2001), atualmente o *punk* é um movimento autônomo e global, a filosofia adequou-se as diversas culturas das principais capitais, nas coletâneas atuais é comum bandas brasileiras participarem em conjunto com americanas, inglesas e japonesas, isto

é possível porque o movimento deu voz aos jovens que ansiavam por uma forma de expressão. O movimento não é exclusivo dos menos favorecidos, jovens rebeldes de todas as classes sociais se expressam por este meio, isto contribui para o enriquecimento cultural. Segundo Oliveira (2006), nos anos 80 a banda Olho Seco foi convidada à participar de uma coletânea inglesa, e foi sugerido que a gravação fosse em inglês, Fabio, o cantor, recusou e condicionou a participação em português. Bivar ressalta que a geração atual possui predileção para a língua inglesa para que o protesto seja universal.

Para Bivar (2001), os meios digitais facilitaram o lema “Faça você mesmo”, as novas ferramentas possibilitam que o trabalho seja distribuído por portais como o *MySpace*, ou então no *Site* ou *Blog* da própria banda. Há os *fanzines* eletrônicos em formato de *e-book*, *Blog*, a ideologia do faça você mesmo, expandiu-se e qualquer pessoa pode publicar algo independente, passados 40 anos de seu surgimento, o movimento continua juvenil.

Com todas as polêmicas e contradições, o movimento *punk* brasileiro abriu as portas para novos artistas, em 1985 a música brasileira foi invadida por uma geração talentosa influenciada pelo *punk*, no setor editorial os *fanzines* abriram caminhos para revistas experimentais, a irreverência *punk* afrontou símbolos das forças armadas e inspirou a moda, atualmente é comum peças com motivos camuflados e calçados que lembram coturnos. Marcas como a Orient Relógios e Vitorinox desenvolvem coleções com estilo militar, além do *Jippe Hummer* da GM, que inicialmente era um veículo de guerra e foi adequado para uso popular, mas isto não significa que a moda e a indústria desenvolvam produtos assim por influência direta do movimento *punk*, porque as culturas periféricas influenciam a dominante e o referência é perdido.

Ideário político do movimento *Punk*

Para O’Hara (2005), o movimento *punk* associa-se ao anarquismo, porque este regime rompe com o governo constituído e prega a igualdade entre os homens, ou seja, parte do princípio de igualdade, no qual todos exercem a cidadania e são responsáveis pelo seu espaço na sociedade com direitos e

deveres. Sem um poder centralizado, o monitoramento social é feito pelos cidadãos, no qual um supervisiona o outro.

Todo o governo é indesejável e desnecessário. Não existem serviços fornecidos pelo Estado que a própria comunidade não possa fornecer. Não precisamos de ninguém para nos dizer o que fazer, tentando controlar nossas vidas, nos atormentando com impostos, regras, regulamentos e vivendo à custa de nosso trabalho.(O'HARA, 2005, p.73)

Em 1907, *Errico Malatesta* definiu a anarquia da seguinte forma: anarquia é uma palavra grega, que significa sem governo. O estado anarquista não possui um governante central que determina o que deve ser feito pelo seu povo. O poder do governo anarquista é baseado na ética e no respeito que deveria haver entre as pessoas, cada indivíduo seria um governante. Porém anarquia foi interpretada erroneamente, e hoje é sinônimo de desordem, talvez, isto seja resultado da argumentação que a classe dominante exerceu para manter-se no poder. Para Oliveira (2006), é impossível afirmar que todos os *punks* tenham consciência do que a anarquia significava, o fato, é que o símbolo da anarquia estampava capas de discos, camisetas e botões, e foi tema de músicas como a: *Anarquia Oi dos Garotos Podres* e *Anarchy in the UK dos Sex Pistols*.

Para *O'Hara (2005)*, a ideologia *punk* adota o anarquismo, porém isto não significa que não existam *punks* de esquerda, comunistas, direita e capitalistas. O movimento compartilha com os anarquistas os valores de igualdade e liberdade, os *punks* europeus são mais engajados politicamente que os americanos, o que reflete no trabalho das bandas e *fanzines* que militam politicamente em seus trabalhos, a primeira geração atualmente é chamada de *punk 77*, a segunda iniciou-se nos anos 80 é mais engajada política e socialmente, bandas como *Dead Kennedys* transformaram simples roqueiros em indivíduos ativos nas questões sociais. O ativismo político e artístico de *Jello Biafra*, levantou discussões positivas sobre os ideais do movimento *punk*, em 1979 ele foi candidato a prefeito de São Francisco e entre 10 candidatos, ficou em quarto lugar, uma de suas propostas era que cada policial fosse eleito pela população, porque ela teria direito de escolher quem as controlariam. O motivo que o levou a ser candidato, seria provar que a eleição em São Francisco não era

real, e sim uma batalha entre diferentes setores da direita, os votos que recebeu representam uma parcela da população que tinha consciência sobre a realidade política e estava descontente. (OGG, 2014).

O'Hara (2005), complementa que para o anarquismo, o capitalismo e o comunismo escravizam o homem, no qual uns tiram proveito do trabalho de outros para enriquecer, além de privá-los de sua liberdade, jovens *punks* anarquistas desprezam os regimes políticos a que são submetidos devido a sua conscientização e por militarem pelos valores de liberdade e igualdade. Em alguns casos os *punks* associam-se com a esquerda por causa de algum interesse político ou para a defesa de uma causa específica como o sexismo, uma causa ambiental ou uma reivindicação da classe operária.

O capitalismo é o primeiro alvo dos *punks* porque o movimento surgiu em regimes democráticos ou ditaduras como a que ocorreu no Brasil após o golpe militar de 1964. No capitalismo há o interesse de sempre aumentar o lucro individual, abusos ambientais são capitalizados como parte de um processo produtivo, ou então algo necessário para um bem maior, o sistema capitalista não se preocupa com o futuro do planeta, o capitalismo é canibalismo porque explora o semelhante, em épocas de guerras, a exploração é levada ao extremo e as mortes são somadas como perdas necessárias e também reforçam a exposição comercial dos conflitos, com campanhas patriotas que reforçam o preconceito e a xenofobia. O avanço tecnológico, o comércio de armas e equipamentos bélicos geram lucros, e após o conflito quem lucra são as construtoras. (O'HARA, 2005).

Parece perverso lucrar com a guerra, mas é isto que acontece. Será que é ir longe demais pensar que alguém esteja ansioso para que a guerra impulse a economia e os lucros pessoais, diminua o desemprego e aumente o fervor patriótico, tudo sob o disfarce de um objetivo militar declarado?(O'HARA, 2005, p.78 e 79)

Para o anarquista as melhorias da esquerda apenas remediam um problema, a esquerda deseja agir em regime corrompido e viciado, a anarquia acredita que é preciso destruir para construir o novo sem os vícios do passado. A democracia é uma utopia que favorece o capitalismo, anarquia é a única forma política que não controla o indivíduo pela força, ao recusar ser controlado ele

passa a ter o domínio de sua vida e inicia o começo de sua ordem pessoal e não caos como é interpretado. O dilema é justamente o indivíduo escolher ter o poder sobre sua vida, porque eles não poderiam forçar ou educar quem não aceite esta, por isto há uma espera para que a evolução ocorra naturalmente, pois se houver a imposição rompe-se o princípio de liberdade e o regime se iguala aos demais e a igualdade anarquista é baseada na suposição de que a natureza humana é boa.

A Banda europeia *Crass*, fazia campanha contra o desarmamento nuclear nos anos 80, no Brasil o Cólera possuía a mesma convicção e pregava o pacifismo, que foi abordado no álbum *Pela Paz em Todo Mundo* de 1986. O U2, banda pós *punk* irlandesa, possuía um discurso pacifista que sugeria o diálogo para o desarmamento nuclear, em 1995 com Luciano Pavarotti, o U2 gravou a canção *Miss Sarajevo*, sob o pseudônimo “*The Passenger*” para levantar fundos para os refugiados da guerra na Bósnia. Em 1990 o *Simple Minds*, banda escocesa gravou *Mandela Day*, para que o mundo olhasse para a África do Sul e seus conflitos raciais, e que, *Nelson Mandela* fosse libertado.

Bandas como *Crass* e Cólera quebraram o paradigma de que lutar pela paz fosse coisa de *Hippie*, a anarquia não é contraditória ao pacifismo, para o *punk*, ser pacífico não significa ser passivo, o *punk* luta se for preciso, mas não força ninguém à acreditar em algo, promove o diálogo e acredita que a evolução ocorrerá pela educação.

Para O’Hara(2005), a resistência à polícia é justificada porque os *punks* creem que a força policial é desperdício de dinheiro, os policiais abusam de seu poder, aterrorizam e ceifam a liberdade daqueles a quem deveriam proteger, embora nem todos sejam assim, isto não impede os confrontos. No documentário *Botinada* (2006), um episódio sofre o confronto de *punks* com a polícia no Sesc Pompeia é descrito pelos participantes como uma farra e uma afronta ao poder.

Só haverá paz quando o homem respeitar o fluxo natural que coloca todos os seres e elementos naturais em igualdade. No manejo com a natureza que inclui os diversos cultivos vegetais e a criação de várias espécies animais

para consumo humano, a ideologia *punk* defende o cultivo responsável, que preserva áreas vitais e sem a utilização de produtos químicos. O modelo sustentável adotado é rejeitado porque o homem não se coloca como parte da natureza, ele a controla e a preservação é uma fonte de lucro, modelos como o *FSC Forest Stewardship Council*, que certifica a origem da madeira empregada em sua cadeia produtiva, é uma forma de reserva de mercado que habilita as empresas à um mercado que supostamente exige uma ação responsável nos patamares: social, financeiro e ambiental.

O protocolo de Kyoto determina uma cota máxima de emissão de gases de emissão do efeito estufa para os países desenvolvidos, que criam legislação de controle sobre a emissão do CO₂, empresas que não conseguem atingir as metas estabelecidas, são obrigadas a comprar créditos de carbono de outras que obtiveram a meta. Ações como o FSC e o protocolo de Kyoto, existem devido a uma questão financeira, que não seriam respeitadas caso não acarretassem prejuízos.

A sociedade acredita que é engajada, e que faz a sua parte e cobra ações sustentáveis de empresas, por outro lado não possuem consciência de que o alimento de origem animal foi a causa do desmatamento. Quando há violência contra a propriedade privada, os alvos são escolhidos de acordo com o assunto que os *punks* se manifestam, o *fanzine Profane Existence* apoia e estimula este tipo de ação em seu editorial.

Numa edição recente da *Profane Existence*, foi escrito um longo e bem pesquisado editorial sobre os problemas causados pela construção de campos de golfe nos EUA. Pesticidas e armadilhas para matar animais, desperdício de água e planejamento de terras desnecessários e destrutivos foram os motivos para incentivar uma ação direta. (O'HARA, 2005, p.129)

Cada campo de golfe custa 18 mil dólares, como o governo não toma partido sobre a questão, *punks* sabotaram campos utilizando cloro, que deixou o gramado prejudicado.

Segundo Bivar(2001), em relação ao vegetarianismo, bandas como *Crass* dão exemplo aos seu seguidores, eles não vestem couro nem nos calçados, porque o seu uso significa a matança de animais. Bandas inglesas alertam para a

forma como os animais são criados e abatidos em suas letras e encartes de seus álbuns. O Álbum *Meat is Muder*, da banda pós-punk *The Smiths*, chama atenção para isto e classificava o abate de animais como assassinato. Fanzines *punk* alertam para o assunto e sugerem receitas vegetarianas, que tem convencido muitos *punks* a adotarem a dieta.

A ideia de como tratamos os animais influencia o modo como tratamos uns aos outros foi sugerida anteriormente. Essa violência que nos cerca o tempo todo e tem tantas formas esta bem aqui, na nossa comida. Você tem certas coisas em sua personalidade que anseiam por satisfazer seus impulsos agressivos de devorar o sangue e a carne de outras criaturas. Alimentar-se de carne e encorajar essa agressividade pode ser um elo entre opressão humana e animal.(O'HARA, 2005, p.137)

O movimento *punk* é nobre por ser contestador, libertário e procurar romper com os paradigmas existentes. Porém, a associação com o anarquismo visto de uma maneira distorcida, faz com que o movimento seja visto como desordeiro e a influência da mídia transformam os *punks* em malucos e drogados, que pregam a violência gratuita.

Distorções da imagem do *punk* pela mídia

Segundo Bivar (2001), os *punks* despertaram a curiosidade da sociedade e por isto a imprensa passou a procurá-los para entendê-los, vários jornalistas foram entrevista-los e alguns ficaram surpresos, embora alguns *punks* não tivessem terminado os estudos, eles tinham opiniões formadas sobre a realidade social e política brasileira.

O'Hara (2005), afirma que o movimento foi fortemente distorcido pela mídia, que retratavam os *punk* como drogados e viciados que pregavam a violência e a desordem. A mídia os rotulou como uma moda autodestrutiva e violenta, os programas e seriados americanos associavam o assunto com a vergonha e a loucura.

Modelo do *punk* desajustado, foi utilizado na novela da Rede Globo *Ti-Ti-Ti* de 1985, em que a personagem de *Betty Gofman*, após sofrer uma desilusão amorosa tornou-se *punk*, e conseqüentemente influenciou o personagem do ator Rodolfo Bottino, que virou *punk* para conquista-la, no final da história, eles voltaram ao normal e tornaram-se executivos de sucesso.

Na explosão *punk* a revista Pop(Editora Abril) publica uma foto de dois pivetes armados, com uma legenda dizendo que os dois são garotos são membros do primeiro grupo *punk* de São Paulo. Nome do grupo Segundo a Pop: “Os filhos da Crise”. Este grupo nunca existiu. É pura ficção da revista para dar a impressão de que aqui também o artigo genuíno esta começando a aparecer. (BIVAR, 2001, p.65.)

Contrapondo a forma habitual que a mídia retratava o *punk*, o filme *Sid and Nancy de Alex Cox*, de 1988, retratou e humanizou o baixista dos *Sex Pistols*, Sid Vicious, que morreu de overdose aos 22 anos, enquanto respondia a um processo por assassinato de sua namorada Nancy. *Gary Oldman*, atuou sem fazer uso de clichês ou caracterizá-lo como costumeiramente era feito com personagens *punks*.

Para O’Hara (2005), a mídia americana vinculou *punks* e *skinheads* pela semelhança na maneira de vestir-se e pela preferência musical. Na Inglaterra, o mesmo não ocorreu porque os carecas possuíam uma cultura solidificada. No Brasil houve a mesma confusão, provavelmente os *skinheads* brasileiros foram influenciados pelos grupos de extrema direita e neonazistas que defendem a supremacia branca, pois estes grupos são racistas e violentos, o que explicaria os ataques aos nordestinos e homossexuais que ocorreram em São Paulo.

O *punk* pelo enfoque da revista Veja

A revista *Veja*, editada pela Editora Abril é um veículo de comunicação impresso tradicional do Brasil, nos seus 45 anos de mercado a publicação tornou-se referência para consulta de informações sobre política, cotidiano e cultura. Pela influência deste título para a sociedade este artigo faz uma análise de três matérias que interpretaram o movimento no período de 1977 a 1986.

A primeira menção, data de 28 de setembro de 1977, a matéria intitulada de: "A Moda Podre", relatava um movimento desconhecido que causava estranheza, a música é classificada como lixo e foi comparada com a música disco que era o padrão de qualidade. Os jovens são classificados como suburbanos que cultuavam o mal gosto e a violência. Os *Sex Pistols* são postos como a referência para antiestética do rock, é ressaltada a postura marginal dos seus integrantes que tiveram problemas com a polícia. O *Clash* e o *Damned* são citados como bandas arruaceiras, caracterizadas por confusões em suas

apresentações e os méritos da gravação do primeiro LP dos *Sex Pistols*, pela gravadora Virgin é apontado como desespero da indústria inglesa, que atravessava uma crise criativa.

O movimento *punk* é retratado como fruto da grave crise econômica que a Inglaterra atravessa no final dos anos 70. Há um alerta aos pais para as transformações que seu filhos poderiam passar, os exemplos são as trocas de símbolos inofensivos como corações com flecha, por suásticas e dragões. Foi feito um perfil dos *punks* cariocas, que seriam os rebeldes sem causa da zona sul da Rio do Janeiro por influência da moda e os suburbanos da zona norte por identificação com o ambiente violento e hostil ao qual eles cresceram.



Figura 1: Matéria Revista Veja - 28 de setembro de 1977

Em uma reportagem da *Veja* com data de 4 de agosto de 1982, intitulada "Tropa de Choque". Surge em São Paulo o *punk* brasileiro. Descreve com ironia o comportamento dos *punks* paulistas, em uma referência a Londres de 1977. Os jovens foram abordados no Largo do Paissandu, eles são descritos como rebeldes que desejam afrontar a sociedade com roupas surradas e visual agressivo. Ao contrário dos *punks* ingleses, que eram tidos como arruaceiros, os paulistas eram pacifistas, conservadores, não toleravam a homossexualidade, bebiam bastante e não usavam drogas, porque isto era coisa de hippie.

A matéria os classificam como filhos da crise econômica brasileira sem esperanças futuras, as músicas que gostam eram barulhentas e mal tocadas,

eram mal remunerados em seus trabalhos e tinham orgulho de morar no subúrbio. Há uma pequena menção ao lançamento da coletânea Grito Suburbano, primeira gravação com bandas *punks* de São Paulo e do *fanzine Punk SP*, editado pelo jornalista Antonio Bivar.

Comportamento

Tropa de choque

Surge em São Paulo o punk brasileiro

Quem passa nas tardes de sábado pelo centro comercial Grandes Galerias, na Avenida São João, em São Paulo, pode pensar que foi subitamente transportado para a Londres de cinco anos atrás. Uma pequena loja de discos, a Punk Records, no 1.º andar do centro comercial, é o quartel-general de um grupo bizarro, o dos punks — jovens que imaginam criticar a sociedade usando roupas pretas adornadas por tachas ou correntes, cabelos cortados ou pintados de maneira estrófila e atitudes agressivas.

Na Inglaterra, em 1976, eles revolucionaram a música pop, transformaram-se em atração turística e em dor de cabeça para a polícia, pelas arruaças que promoviam. Em São Paulo, os punks nativos rejeitam a pecha de desordeiros — no restante, copiam fielmente o modelo importado. Consideram-se injustiçados e garantem que são “filhos da crise do sistema capitalista”. Não aceitam o homossexualismo e abominam qualquer tipo de música que não seja o punk rock, rude e ensurdecedor, reproduzido no Brasil por cerca de vinte grupos que levam nomes como Estado de Coma, A15 e Lixomania. Seu drinque é o “sangue do diabo”, uma mistura de cachaça com groselha, e jamais consomem drogas porque elas são “coisas dos hippies”. Invariavelmente são adolescentes ou jovens dos subúrbios de São Paulo e, na vida real, trabalham geralmente em funções mal remuneradas.

ROUPAS BARATAS — “Meus patões não reclamam mas preferem não me olhar”, conta Aparecido de Paula, o “Índio”, 18 anos, operador de xerox que enverga uma vistosa faixa verde nos cabelos. Morar no subúrbio e assumir a condição proletária é, para eles, ponto de honra. “Há quem ganhe 16 000 cruzeiros e gaste 12 000 numa calça Fiorucci para desfilarem pela zona

Violência: só em pose

Nós só compramos roupas usadas”, assegura Mauro de Oliveira, 24 anos, líder do grupo Lixomania e operário numa oficina de chaves.

Nas últimas semanas, entre movimentados shows na Universidade Católica ou em salões de subúrbios, os punks paulistas têm comemorado o que consideram duas importantes vitórias: o lançamento de seu primeiro LP, *Grito Suburbano*, e a adesão ao movimento do jornalista e dramaturgo Antônio Bivar, que agora divide seu tempo como editor da revista mimeografada *Punk S.P.* e do bem-cuidado jornal *Around*, distribuído pela boate Gallery à alta sociedade paulista. “Passei um ano na Europa e, na volta, achei que os punks paulistas são a coisa mais sincera e divertida que acontece na cidade”, diz Bivar. Apesar dessas vitórias, os punks se queixam de que há ainda uma longa batalha pela frente para conquistar a simpatia da polícia, que costuma duvidar de sua propalada índole pacifista. “Eles nem querem saber se temos carteira assinada”, reclama Otacílio Istro, 23 anos, auxiliar de cozinha no restaurante do Citibank. “Colocam a gente no camburão e mandam tirar as pulseiras tacheadas.”

80

VEJA, 4 DE AGOSTO, 1982

Incêndio sem fogo?
Uma explosão em sua fábrica pode ficar sem cobertura. Uma boa apólice de incêndio corrige essa possibilidade.

AJAX
Companhia Nacional de Seguros

São Paulo • Rio de Janeiro • Belo Horizonte
P orto Alegre • Curitiba • Florianópolis • Niterói

Figura 2: Matéria Revista Veja – 4 de agosto de 1982

Em uma matéria com data de 16 de julho de 1986, com o título: “As ovelhas negras. *Punks, Darks e Skinheads*, uma tribo que dentro de casa nem sempre briga com os pais”. O *punk* é tratado sutilmente como um desvio de conduta, o termo ovelha negra é utilizado para representar os jovens que escolheram uma forma comportamental alternativa. O conflito de gerações é retratado na matéria que descreve as mudanças de um rapaz que ao tornar-se *punk* adotou o apelido de “morto”, o que scandalizou sua mãe, que recusava chama-lo assim, a agressividade era apenas aparente, pois sua mãe conta que ele a beija todas as vezes que saía de casa. Isto é explicado pelo psiquiatra Edson Engels, que o jovem precisa afrontar seus pais para ser aceito no meio em que

convive e assim, conquistar o seu espaço, ele aconselha, que não há motivos para preocupação, porque é apenas uma fase passageira. A dúvida que acercava os pais em relação aos novos costumes de seus filhos, é representada pela frase: “Ela ainda é minha filhinha”, que foi dita pela mãe de uma jovem *punk*. Ela ainda acrescenta, que em casa sua filha não mudara os hábitos e continuava como sempre foi, sua nova postura era apenas para a sociedade.

Nem todos os pais toleravam as mudanças de seus filhos, há o caso do *skinhead* Marco Lenha, que morava em Brasília e saiu de casa porque não conseguiu conviver com o conflito que seus hábitos causavam em casa, com isto ele foi morar com uma tia. Os *Skinheads* são apontados como um vertente do *punk*, eles são descritos como jovens que utilizam acessórios militares como o coturno, gostam de música *punk* com temas politizados e que afrontam o sistema capitalista. Há também uma menção aos *Darks*, que hoje são conhecidos como Góticos, que são jovens tristonhos que gostam de músicas que refletem o seu estado depressivo.

Embora a matéria procure categorizar as tribos, ela as colocam sobre um mesmo patamar, na qual os jovens podem transitar de uma para outra. Uma confusão perigosa também é feita em relação aos *punks* e *Skinheads*, no qual estes são apontados como uma vertente do *punk*, quando na realidade, são ideologias diferentes.

Na mesma página em que esta matéria é finalizada, há um box com uma notícia com o título "A heroína no caminho de *Boy George*", nesta matéria ele é colocado como uma influência para jovens *punks*, *darks* e *skinheads*. O seu problema com a droga é retratado como um alerta aos pais, é como se a revista dissesse que o ídolo maior de seus filhos é um drogado e que eles podem seguir o seu exemplo, segundo a matéria, para a polícia inglesa, um *dark* ou *skinhead* é a pista certa para um flagrante de heroína.

Boy George apareceu no cenário musical londrino com grupo *Culture Club* em 1982, eles lançaram seu primeiro trabalho com a gravadora *Virgin*, a mesma dos Sex Pistols. A música deles não era *punk* e sim um pop rock, a banda chamou atenção devido ao visual andrógino de *Boy George*, com eles a

gravadora de *Richard Branson*, mais um vez mostrou o seu arrojo, pois além do visual andrógino o Culture Club era uma banda assumidamente gay, o que para época era uma afronta aos costumes.

Comportamento
As ovelhas negras
 Punks, darks e skinheads, uma tribo que dentro de casa nem sempre briga com os pais

Artur e os avós: a roupa preta e a franja quase provocaram problemas em casa

A heroína no caminho de Boy George

Convivência Amigável

EM SENTINELA

Uma punk Lelé com a mãe: tudo bem

George internado

Figura 3: Matéria Revista Veja – 16 de julho de 1986

Considerações finais

O punk é contestador como os movimento passados que o influenciaram, talvez por causa da agressividade natural deste estilo, que é a sua principal diferença entre os demais, ele tenha causado um impacto negativo na sociedade que não compreendia os seus ideais e sua mensagem.

Mesmo se opondo ao movimento hippie, o punk foi uma continuidade das manifestações culturais que o antecederam, o movimento utilizou o sarcasmo e a violência simbólica, como um diferencial, pois anteriormente, a agressividade não era componente evidente da rebeldia juvenil, talvez, este fato seja o que despertou o interesse do punk para a sociedade em geral.

O contexto histórico do final dos anos 70 era opressor, as classes menos favorecidas poderiam somente observar o que acontecia na sociedade, havia uma imposição que pregava que somente quem detinha conhecimento sobre uma determinada área poderia produzir conteúdos e formas de expressão artística, o *punk* foi um basta a todos estes valores, a proposta: “Faça você

mesmo”, rompeu com o paradigma de que a arte necessitava de conhecimento prévio, e que deveria respeitar os conceitos da boa forma, e também abriu o caminho para a subversão, na qual elementos sociais como roupas militares, imagens governamentais, ou de grandes corporações, foram apropriadas e tiveram o seu sentido original alterado.

O movimento abriu as portas da expressão à uma classe discriminada, que a utilizou para expor o seu descontentamento. O meios de comunicação são um reflexo da nossa sociedade, e seus representantes, assim como a sociedade, não estava preparado para compreender o questionador discurso punk, o resultado foi a distorção que ressaltou o lado negativo do movimento porque via nele uma ameaça.

Referências

- BIVAR, Antonio. **O que é punk**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- CAIFA, Janice. **Movimento punk na cidade**: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- DUARTE, Orlando; TURETA, João Bosco. **Corinthians o Time da Fiel**. São Paulo: Nacional, 2008.
- GALLO, Ivone Cecília D’Avila. **Por uma historiográfica do punk**. São Paulo, n.41, p. 283 – 314, 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/6542/4741>
Acesso em 13/01/2014
- MALATESTA, Errico. **Anarquismo e anarquia**. Rio de Janeiro: Faisca Publicações Literárias, 2009. Disponível em: <http://www.anarquista.net/anarquia-e-anarquismo-de-errico-malatesta-livro/>. Acesso em 5/01/2014
- MENDONÇA, Sonia Regina. **Estado e economia no Brasil**: Opções de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2002.
- O’HARA, Craig. **A filosofia Punk**: mais do que barulho. São Paulo: Radical, 2005.
- OLIVEIRA, Antônio Carlos de. **Os fanzines contam uma história sobre punks**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.
- PADRÓS, Enrique Serra; GASPAROTTO, Alessandra. **Gente de menos – nos caminhos e descaminhos da abertura no Brasil (1974-1985)**. In: PADRÓS, Enrique Serra; BARBOSA, Vânia M. (orgs). Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985) : história e memória. Porto Alegre : Corag, 2009.

SABIN.Roger. **Punk Rock: so What? The Cultural Legacy of Punk**. Londres: Editora Routledge – Taylos e Francis Group. 2002. PART I. Shock waves and ripple effects. Too low to be low: Art pop and the Sex Pistols. ROBERT GARNETT. Disponível em:
http://documenta_pdf.jmir.dyndns.org/R.Sabin_PunkRock_2002.pdf
Acesso em: 25/03/20014

Documentários

Entrevista Exploited no studio Som Livre. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=OeKn42GWYO4>. Acesso em:
27/01/2014

BOTINADA: a origem do Punk no Brasil. Direção: Gastão Moreira. São Paulo: ST2 vídeo, 2006 (110 min), son, color.

Matéria da revista Veja

A Moda Podre, Edição 473 – 28 de setembro de 1977.
Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>
Acesso em: 3 de abril de 2014

Tropa de Choque, Edição 726 – 4 de agosto de 1982
Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>
Acesso em: 3 de abril de 2014

Tropa de Choque, Edição 932 – 16 de julho de 1986
Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>
Acesso em: 3 de abril de 2014